

Descrição de narrativas orais do povo parkatêjê: aspectos do texto *pyt me kaxêr*

Oral narratives description of the people *parkatêjê*: aspects of the text *pyt me kaxêr*

Marília de Nazaré de Oliveira Ferreira*

RESUMO: Este artigo estuda aspectos de uma narrativa oral mítica tradicional da língua Parkatêjê, o texto *Pyt me Kaxêr*, ou o texto do Sol e da Lua, que trata de questões centrais da cultura do povo de mesma denominação. O estudo de textos possibilita a compreensão de aspectos linguísticos e discursivos. Nesse caso, serão observados principalmente os aspectos discursivos, tendo por base língua, cultura e sociedade. As narrativas do povo Parkatêjê têm como função principal a acumulação, o armazenamento e a transmissão de conhecimentos. Por meio desses textos, o discurso é expresso linguisticamente. Desse modo, o presente trabalho, com fundamentação na metodologia da linguística descritiva, na linguística textual e em estudos de textos orais, visa a abordar questões acerca da estrutura formal e discursiva das narrativas coletadas por mim, em diferentes viagens a campo, com atenção ao conteúdo da narrativa selecionada.

PALAVRAS-CHAVE: Parkatêjê. Textos Oraais. Linguística Textual.

ABSTRACT: This article studies aspects of an oral mythical traditional narrative from Parkatêjê language, the text *Pyt me Kaxêr*, or the text of Sun and Moon, which presents central questions from Parkatêjê culture. The study of texts allows the comprehension of linguistic and discursive aspects. In this case, it will be observed mainly discursive aspects which put together language, culture and society. Narratives from Parkatêjê people have the main function of storage, accumulation and transmission of knowledge. By those texts, discourse is linguistically express. So, the present paper, based in the methodology of descriptive linguistic, textual linguistic and

* Professora Adjunta IV da Faculdade de Letras, vinculada ao Instituto de Letras e Comunicação. Doutora em Linguística pela UNICAMP (2003). Desenvolve pesquisas na linha de pesquisa Descrição e documentação de línguas indígenas da Amazônia, no curso de Mestrado em Letras da UFPA. Agradecimentos ao Ambassador's Funds for Cultural Preservation pelo apoio financeiro ao Projeto *Keeping the Talking Forests Alive: Documenting the Amazonian Oral Traditions*, financiado pela Embaixada dos Estados Unidos, sob o Award number S-BR250-08-GR083/(AFCPID 8159). Email: marilia@ufpa.br

in studies of oral texts, aims to approach questions of formal and discursive structure of narratives collected by me, in different field trips, with attention to the subject matter of the selected narrative for this paper.

KEYWORDS: Parkatêjê. Oral Texts. Textual Linguistic.

Introdução

No Brasil, os povos indígenas são detentores de uma vasta tradição de narrativas orais e o povo indígena Parkatêjê, cuja língua tem a mesma denominação, que vive no sudeste do estado do Pará, no município de Bom Jesus do Tocantins, não foge a essa regra. As histórias míticas, culturais, autobiográficas e cotidianas desse povo ainda hoje são repassadas de geração a geração, de pais para filhos oralmente. De modo geral, os indivíduos mais velhos são aqueles que detêm maior conhecimento, porque conhecem profundamente a cultura da qual fazem parte e têm a língua nativa como materna. Dessa forma, quando um velho desaparece, seus contemporâneos têm a convicção de que com ele vai uma parte significativa de sua história e de sua cultura. Conforme afirmou Hampaté BA, “em África, quando morre um velho, é uma biblioteca que arde” (*apud* Couto, 2009 p.51).

Nas últimas décadas, o contexto mais familiar para a transmissão dessas histórias ou narrativas vem perdendo drasticamente seu espaço para os programas televisivos e filmes em *dvd*, uma vez que essas atividades disputam o mesmo horário na comunidade indígena Parkatêjê.

As funções básicas a que servem tais histórias em uma cultura são acumulação, armazenamento e transmissão de conhecimentos. A própria realidade que se constrói e se percebe nas experiências humanas é repassada a outros por meio das narrativas, por meio das quais se representa o mundo simbolicamente. As narrativas proporcionam também um forte argumento para a sociabilidade, uma vez que experiências

individuais são compartilhadas e tornadas públicas para um grupo. O contar ou narrar histórias não é uma atividade monológica. Embora uma narrativa seja sempre construída e proferida por alguém, nesse jogo linguístico há os ouvintes, parte fundamental da experiência de narrar, uma vez que, de acordo com Barthes (1988, p.125 *apud* Hanke, 2003), não há narrativa sem ouvintes.

Os textos orais da língua Parkatêjê caracterizam-se por uma estrutura básica composta de um início, um meio e um fim. A esse respeito, Chafe (1990, p.94) afirma que uma narrativa precisa de uma introdução, de um momento (quando se passa?), de um local (onde se passa?), de personagens atuantes (quem?) e de uma situação de fundo sobre a qual o conteúdo se desenvolve.

Neste trabalho, discutirei questões relacionadas aos estudos do discurso e aos usos da língua, observando a tríade língua, sociedade e cultura. Além disso, de um modo geral, abordarei os mecanismos estilísticos que caracterizam uma narrativa oral em Parkatêjê, observando o uso particular de um conjunto de marcadores de tempo, aspecto e modo que marca tais narrativas.

Vale dizer que uma narrativa é constituída por uma série de ações ou acontecimentos (reais ou ficcionais) situados no passado. Labov & Waletzky (1967) definem uma narrativa como um método para recapitular experiências passadas, em que se estabelece uma relação entre uma série de sentenças e uma série de acontecimentos.

Algumas dessas narrativas mesclam narrações e diálogos, em que os personagens atuam, conversando uns com os outros em diálogos em que as posposições distinguem os turnos de fala de cada personagem.

Observa-se a utilização do conjunto de partículas evidenciais da língua Parkatêjê usadas para codificar as diferentes experiências cognitivas que constituem o conhecimento expresso em um dado conteúdo proposicional.

A utilização de ideofones é também percebida. Esses elementos constituem o que tenho chamado de "sonoplastia da narrativa", embora não

vá tratar desse aspecto especificamente aqui. Além disso, de uma perspectiva da estruturação da sintaxe narrativa, essas histórias se caracterizam por apresentar uma fórmula introdutória e uma estrutura temática organizada. Os começos das narrativas míticas, por exemplo, quase sempre são complexos para uma análise. Essas ditas fórmulas lembram o 'Era uma vez...' de muitas de nossas narrativas.

Os dados analisados neste trabalho são oriundos de minhas viagens de campo, iniciadas em janeiro do ano de 2000 e que têm ocorrido pelo menos uma vez por ano desde então. Para fins da transcrição dos textos, estou utilizando a ortografia proposta por Araújo (1993). A orientação metodológica que fundamenta o mesmo é a da Linguística Textual, da Teoria do Texto e da Análise da conversação e abrange o estudo tanto de textos escritos quanto de textos orais. Ademais, vale dizer que as concepções de texto e de discurso aqui utilizadas, com base em Fávero e Koch (1983, p.25), apontam

que o termo texto pode ser tomado em duas acepções: texto em sentido *lato*, designa toda e qualquer manifestação da capacidade textual do ser humano [...], isto é, qualquer tipo de comunicação realizado através de um sistema de signos. Em se tratando da linguagem verbal temos o *discurso*, atividade comunicativa de um falante, numa situação de comunicação dada, englobando o conjunto de enunciados produzidos pelo locutor (ou por este e seu interlocutor, no caso do diálogo) e o evento de sua enunciação.

Deste modo, para Fávero e Koch (*op.cit.*), "o discurso é manifestado lingüisticamente por meio de textos (em sentido *estrito*)". A esse respeito, Sherzer (1990, p. 6) afirma que o discurso é o mais rico ponto de interseção da relação entre língua, cultura, sociedade e expressão individual. De acordo com ele, é no discurso que os indivíduos desenham sua criatividade e simultaneamente fazem uso dos recursos únicos de sua língua e cultura que incluem vocabulário e gramática, normas de interpretação, conhecimento cultural e simbólico, sistemas de gêneros e regras de desempenho efetivo. Ao fazer isso, o falante da língua não apenas repete discursos, mas interpreta, transmite, concebe cria e recria sua realidade cultural e social. Sherzer (1990, p. 7) replica ainda que o discurso é o *locus* da expressão da ideologia e de se

trabalhar especialmente os conflitos e as mudanças inerentes aos sistemas ideológicos.

Sherzer & Urban (1986, p.3) afirmam que a investigação do discurso nas terras baixas da América do Sul envolve questões relacionadas à oportunidade e à urgência. A oportunidade está no fato de que as línguas faladas nesse lugar do mundo oferecem um laboratório para estudos de amplas variedades de formas orais do discurso que ocorrem naturalmente nos contextos tradicionais. E a urgência porque essas muitas variadas formas de discurso estão sujeitas a mudanças radicais e ao desaparecimento. A respeito disso, Sherzer (1990, p.14) também adverte que a gravação e a análise do discurso são tarefas urgentes e críticas em regiões de florestas tropicais da América do Sul, visto que nessas regiões muitas sociedades estão desaparecendo rapidamente.

Na seção seguinte, abordarei algumas questões importantes quanto ao povo parkatêjê, à situação sociolinguística de sua comunidade e aos textos orais nesse contexto.

O povo parkatêjê: sua situação sociolinguística e seus textos orais

A língua Parkatêjê é falada por uma comunidade indígena que se denomina do mesmo modo e que está localizada no sudeste do estado do Pará, no município de Bom Jesus do Tocantins. Trata-se de uma língua considerada parte do Complexo Dialetal Timbira, de acordo com Rodrigues (1999), da família Jê, agrupamento Macro-Jê, que partilha características tipológicas semelhantes às de outras línguas de mesma afiliação genética, entre as quais aquelas de cunho (i) fonético-fonológico em que as vogais centrais são numerosas; (ii) morfológico – a flexão que indica contiguidade ou não de um determinante a um determinado; (iii) sintático – a ordem constituinte SOV (S= sujeito; O= objeto, V= verbo) em orações declarativas.

Até 2000, partilhavam a mesma aldeia dois grupos de remanescentes de povos timbira que viveram na região sudeste do estado do Pará. Todavia, o

povo composto de dois grupos que habitava a Terra Indígena Mãe Maria dividiu-se, permanecendo ali aqueles que se denominam Parkatêjê. Na aldeia localizada no quilômetro 25 – como eles próprios costumam falar –, estão aqueles que agora se denominam Kyjkatêjê. Embora esses povos façam questão de apresentar-se inclusive e principalmente da perspectiva linguística como distintos, posso afirmar que as línguas apresentam muita semelhança estrutural, podendo ser consideradas dialetos de uma mesma língua.

Como resultado de uma situação de contato linguístico intensivo devida a inúmeros fatores de ordem política e social, a língua Parkatêjê encontra-se em perigo de extinção, uma vez que atualmente é falada apenas por um pequeno segmento de sua comunidade, não sendo aprendida mais como primeira língua das crianças, que somente falam o português. Diante dessa realidade, observa-se que a “contação” de histórias tem-se tornado um evento que somente ocorre entre falantes da primeira geração que partilham o conhecimento da língua indígena, muito embora os não falantes¹ também escutem as narrativas.

O acervo de narrativas orais do povo Parkatêjê de que disponho está constituído por (i) textos míticos tradicionais que abordam questões centrais à cultura desse povo, como um tipo de cosmogonia, tal como a criação do mundo; (ii) fábulas, em que conhecimentos e crenças de base cultural são repassados por meio de uma narrativa em que se percebe uma lição com base em uma moral; (iii) relatos do cotidiano; (iv) relatos autobiográficos; e (v) canções tradicionais. Nesses textos, pode haver discursos rituais, cerimoniais, políticos, mágico, entre outros.

O critério utilizado para distinguir tais textos obviamente levou em consideração a forma e o conteúdo dos mesmos. Um texto poético, por exemplo, apresenta-se organizado em linhas, em que se verifica processos simbólicos como a metáfora e o desenvolvimento de estilos distintos da narrativa em si.

Vale ressaltar que apesar de a língua estar vivendo um momento delicado, considerando-se a situação de atrito linguístico, a comunidade tem-se

¹ Há muitos não-falantes que entendem a língua razoavelmente.

mostrado preocupada com a preservação de sua cultura e de sua língua. Desse modo, há um esforço no sentido de registrar o máximo possível a língua em suas situações diversas e diferentes de uso. Para auxiliá-los, venho desenvolvendo um projeto cujo objeto de investigação é a documentação de narrativas orais tradicionais desde 2008, o qual é financiado pelo *Ambassador's Fund for Cultural Preservation*, da Embaixada dos Estados Unidos. O diferencial desse projeto é o fato de todas as histórias estarem sendo gravadas em áudio e vídeo. Esse material, após ser coletado, é transcrito em língua indígena e em língua portuguesa. Todo o material será editado e deverá retornar à comunidade para ser utilizado como material de apoio pedagógico para a escola indígena.

Na próxima seção, apresentarei a temática da narrativa mítica *Pyt me Kaxêr* (Sol e Lua) da língua Parkatêjê.

As narrativas orais Parkatêjê: temáticas culturais

Como exemplo de um texto mítico tradicional do povo Parkatêjê, coletei e transcrevi o texto *Pyt me Kaxêr* ou O Sol e A Lua, que trata da criação dos primeiros índios, do acontecimento de alguns eventos no mundo e da transmissão cultural de determinados costumes dos parkatêjê.

Esse texto foi publicado em minha tese de doutoramento em 2003, mas foi coletado e transcrito novamente com o mesmo informante em 2008. A diferença é que a coleta de 2008 foi realizada com a gravação do material em áudio e em vídeo. Após a comparação das duas instâncias, percebe-se que não há diferenças entre eles, no que se refere ao conteúdo, uma vez que esses textos são conhecidos de "cor e salteado" pelos falantes da língua. Há diferenças na forma e nas estruturas morfossintáticas empregadas pelo narrador.

A narrativa mítica em questão está organizada em cerca de oito episódios, cujos personagens principais são o *Pyt`Sol`* e o *Kaxêr`Lua`*, que eram companheiros. O Sol ou *Pyt`* é um exemplo de indivíduo comedido, cuidadoso e

tranqüilo; a Lua ou *Kaxêr*, por outro lado, é totalmente diferente dele, uma vez que é destrambelhada, descuidada, ansiosa. Os parkatêjê afirmam inclusive que “todas as coisas ruins foram criadas pela Lua”. Como exemplos de “coisas ruins” constam o aborto, as formigas, entre outras. Não há nenhuma alusão de estarem o Pyt ou o Kaxêr vinculados a sexo masculino ou feminino. De minhas investigações junto aos sábios conhecedores da cultura Parkatêjê, não havia laço afetivo que unisse esses dois elementos.

Um dos episódios relata a fuga da Lua para o outro lado do rio, o que não poderia ocorrer sem o auxílio providencial do Jacaré, a quem ela convence a atravessá-la. Montada em suas costas, o Jacaré leva a Lua sã e salva até a outra margem do rio. Lá estando, porém, ao invés de agradecimento, a Lua canta para o Jacaré fazendo pouco de sua nuca enrugada: *Miti i-torê / Miti i-torê / A-krãjapap atêti! / A-krãjapap atêti!* traduzido como “Jacaré me atravessou / Jacaré me atravessou / Tua nuca é áspera (ou enrugada ou espinhenta!)”, o que o deixa deveras aborrecido, uma vez que durante o trajeto ele havia lhe perguntado se ela achava sua nuca feia. Ao que ela respondeu contrariamente, afirmando que a nuca do Jacaré era muito bonita.

Observemos o trecho todo² em anexo, ao final do trabalho:

(1) *pêpia kitare mĩti katiti aiku wyr krãmõ*
PD Ass jacaré grande PR Dir boiar
'Dizem que jacaré grande estava boiando (no rio)'

(2) *pêpia kaxêr kãm aiku hõpa*
PD lua Loc PR recear
'Dizem que a Lua estava receosa (dele)'

Algumas partes das narrativas são constituídas por diálogos entre o *Pyt* ‘Sol’ e o *Kaxêr* ‘Lua’, ou o *Kaxêr* ‘Lua’ e o *Miti* ‘Jacaré’, como é o caso do

² As abreviaturas utilizadas na interlinearização das sentenças são: 1=primeira pessoa; 2= segunda pessoa; Ass= asserção; C= causativo; Cont= continuativo; Dat= dativo; Dem= demonstrativo; Dir= direcional; Du= dual; Dub= dubidativo; Enf= enfático; Erg= ergativo; Evi= evidencial; Exort= exortativo; Fut= futuro; Frust= frustativo; Ind= indefinido; Int= interrogativo; Irr= irrealis; Inc= inclusivo; Loc= locativo; Neg= negativo; P= potencial; PD= partícula discursiva; PR= passado remoto; Posp= posposição; Rel= relacional; Refl= reflexivo; SS= mesmo sujeito; Voc= vocativo.

fragmento de texto apresentado abaixo. Observei que posposições como **kãm**, que, em outros contextos, marcam um locativo, no contexto dialógico, indicam os turnos de fala de cada personagem, como na sentença (3) adiante, em que o discurso direto prevalece após a introdução da fala do Kaxêr 'Lua'. Essa observação estende-se a outras narrativas.

A sentença (1) não apresenta diálogo, logo não há posposição indicando que um dado personagem tenha falado (ou que falará). A sentença (2), cujo sentido literal é 'Dizem que (havia) medo **na** Lua', apresenta um uso locativo da posposição, indicando que a Lua estava receosa ou, literalmente, que nela havia medo. O verbo **hõpa** faz parte de uma classe de verbos cuja forma, na estrutura sentencial, indica a presença ou ausência do complemento verbal. Se em (2) estivesse manifesto o sintagma nominal **mĩti**, o verbo assumiria a forma **kupa**, conforme apresentado em (§). (cf. Ferreira, 2003 e 2005 a esse respeito)

(4) *pêpia kaxêr kãm aiku mĩti kupa*
PD lua Loc PR jacaré recear
'Dizem que a lua estava receosa do jacaré'

Nas sentenças seguintes, são introduzidas as falas da Lua em (5) e as do Jacaré em (6). Observe-se que as palavras **kaxêr** 'lua' e **mĩti** 'jacaré' estão ambas marcadas pela posposição **kãm**. Em (5), o núcleo verbal referente à noção performativa dizer está elidido, o que não ocorre em (6), em que se tem o verbo com o reflexivo incorporado **amjjarẽn**. Nos dois exemplos, as posposições ocorrem antecipando o discurso direto.

(5) **Kaxêr kãm:** *i-mã a-hêj nã i-krẽ*
Lua Loc 1-Dat 2-mentir SS 1-devorar
'A Lua disse: você me mente e me devora!'

(6) *pêpia mĩti kãm amjjarẽn: ituware, wa ka a-krẽ inũare*
PD jacaré Loc dizer sobrinho, eu Fut 2-devorar Neg
i-kupa inũare. Wa ka kãm a-torê
1-temer Neg eu Fut Loc 2-atravesar

'Dizem que o Jacaré disse: sobrinho, eu não vou te devorar, não me tema. Eu vou te atravessar.'

Da perspectiva sociocultural, a Lua encarna o papel social de um indivíduo que não respeita o outro, que mente a fim de ter seus desejos satisfeitos em detrimento dos outros. O narrador, por sua vez, ao contar trechos dialogados, dramatiza sua voz, empregando os recursos sinestésicos necessários à compreensão daquele universo mágico em que o Sol interage com a Lua, e esta com o Jacaré e com outros seres.

O texto é organizado com a marcação de um tempo passado remoto, o que é visualizado a partir dos usos da partícula **aiku**, em combinação com a partícula discursiva relativa a esse passado **pêpia**. Ferreira (2010) discute o comportamento de um conjunto de partículas relacionadas à evidencialidade em Parkatêjê. A noção de evidencialidade reflete a relação subjetiva do falante com a informação veiculada, englobando atitude e comprometimento do falante com o dito e com a origem da informação. Essa postura epistemológica incidirá no *status* da credibilidade dada à informação.

Observa-se, da perspectiva discursiva, o uso da partícula evidencial da fala reportada **pêpia**, aqui traduzida como "dizem que". Com essa partícula, indica-se o grau de comprometimento do falante com aquilo que ele diz e isso inclui o "ouvir dizer que algo aconteceu" ou discurso reportado. Casos de inferência ou de experiência sensorial são marcados com outra partícula, **marmã**, traduzida em língua portuguesa como 'parece que' ou 'parece'. No caso da narrativa do *Pyt me Kaxêr*, o narrador apenas ouviu essa história de terceiros, daí que, ao usar **pêpia**, ele se descompromete acerca da verdade dos fatos que narra.

Outro trecho selecionado da narrativa do *Pyt me Kaxêr* trata de questões relacionadas à morte, ao funeral e às razões pelas quais morremos e não retornamos após a morte. Para ensinar como se deveria proceder na morte de um índio, é permitido que a Lua adoença e morra, para que o Sol cuide dela, arrumando-a para o ritual fúnebre: ele então lhe corta os cabelos longos, arrumando a franja, pinta seu rosto e seu corpo com urucum, encosta-lhe em

uma árvore e a deixa ali, sem enterrá-la. Ao cair do dia, lá pelo final do dia, após o cair do sol, a Lua retorna, viva. Isso deveria ser feito com todos os índios para que a morte não se apossasse de seus corpos, eles não deveriam ser enterrados.

- (7) *pêpia kaxêr mõi kato pê itakãm hà*
PD lua ir sair PD hoje Rel-dor
 'Dizem que a Lua chegou e adoeceu no mesmo dia'
- (8) *pêpia ty pêpia mama ty*
PD morrer PD primeiro morrer
 'Diz que ela morreu. Diz que ela morreu antes (que o Sol)'
- (9) *pyt mũ to mõi apte anẽnã kãm to hihô³ nã kukren⁴ kupen*
Sol Dir C ir Frustr também Posp C cortar SS pintar pegar
mũ to mõi pàkràt nã kuxi
Dir C ir tronco SS colocar
 'Então o Sol foi cuidar dela, (arrumá-la para o ritual fúnebre), cortou seu cabelo, pintou-a com urucum, pegou-a e colocou-a (sentada, encostada) no tronco de uma árvore.'
- (10) *pia ry ayakry pê ihô ntuwa kaprik*
Dub já tarde Loc corte.de.cabelo novo estar.vermelho
 'Quando já estava anoitecendo (de cinco para seis horas), dizem que ela chegou com o corte de cabelo novo, pintada de vermelho'

O Sol havia ensinado o procedimento para o ritual fúnebre à Lua e espera que ela faça-lhe o mesmo, conforme o que ela havia prometido. Então, o Sol adoece e, sabendo que morrerá, pede à Lua que ela faça exatamente o que ele fez para com ela.

- (11) *pêpia aiku kãm: jê, wa are apu anẽnã tyk na ha*
PD PR Posp Voc eu Enf Cont também morrer SS P
ita nêhi
Dem mesmo
 'Dizem que (o Sol) disse (para ela): Jê, eu também estou morrendo e tu fazes o mesmo (que fiz contigo comigo).'

³ To hihô: cortar o cabelo de um falecido para seu ritual fúnebre.

⁴ Kukren: Pintar o corpo do falecido com urucum para o ritual fúnebre.

A Lua, como sempre, dá ao Sol a certeza de que agiria com ele da mesma forma que ele havia feito para consigo. Todavia, não podendo cumprir com sua promessa, ela faz o que lhe dá na cabeça, diferentemente daquilo que ele havia feito e, por conseguinte, daquilo que havia prometido a ele.

(12) *pêpia hêt aiku kãm: jê, wa ka mũ ata nêhi*
PD Evi PR Posp Voc eu Fut Dir Dem mesmo
 'Diz que a Lua deu certeza para ele: Jê, eu vou fazer aquilo mesmo (que fizeste comigo contigo)'

(13) *pia aiku apu kãmãhêj*
Dub PR Cont mentir
 'Dizem que ela estava mentindo'

(14) *pia pyt anênã ty*
Dub sol também morrer
 'Dizem que o Sol também morreu'

(15) *pêpia hêt kaxêr apte anênã kãm to hihô nã kukran*
PD Evi lua Frustr também PospC cortar SS pintar
mũ to mõi pàkràt nã kuxi
Dir C ir pau SS colocar
 'Dizem que a Lua fez o mesmo com ele: cortou o cabelo dele, pintou-o de urucum e o colocou (sentado, encostado) no tronco de uma árvore'

(16) *pê kãm kakrô pia hêt mama pia anenã*
PD Posp Frustr Dub Evi primeiro Dub também
 'Dizem que não adiantou ele (o Sol) explicar como era para ela fazer'

(17) *ry ajakry pia aiku mõi*
já tarde Dub PR ir
 'De tarde, ele chegou'

(18) *nã pia kãm: jê a-te ita ajyr to are*
SS Dub Posp Voc 2-Erg Dem assim C Enf
 'e disse para ela: Jê, obrigada. É isso mesmo' lit. 'e disse para ela: Jê, tu fizeste mesmo isso assim (para mim)'

- (19) *nã ku ka to ka ha ke mẽ mpo nã*
SS Du Fut fazer tu P IRR Pl Ind Int
torê
atravessar
'e assim nós (dois) vamos fazer. Mas eu ainda acho que tu vais fazer alguma coisa (ruim)'
- (20) *aiku kãm anẽ kre kãm ixi inũare*
PR Posp também buraco Loc 1-botar NEG
'(Ele disse para ela): não me enterra' lit. 'não me bota no buraco'
- (21) *pia hêt kãm jê wa ka mũ nã to*
Dub Evi Posp Voc eu Fut Dir Ass fazer
'Aí ela deu certeza: Jê, eu vou fazer assim mesmo'
- (22) *mama aiku pyt kãm nã ku ka are ku nã to*
antes PR sol Posp SS Du Fut Enf Du SS C
'O Sol falou primeiro: é assim que nós (dois) vamos fazer (assim que nós vamos continuar)'
- (23) *kêrê mẽ mpa-kra tyn mẽ hapôj nã apy mã*
Irr 1Pl Incl-filho morrer Pl nascer SS voltar Loc
'quando nossos filhos morrerem, eles vão nascer e voltar'

No trecho anterior, o *Pyt* 'Sol' fala com autoridade a respeito de como deveria ser feito para que a natureza humana completasse ciclos de existência na terra: os seres humanos não deveriam ser enterrados. Se fossem postos na árvore, eles viveriam novamente e novamente. É interessante que esse trecho foi retirado do texto na forma como foi coletado. O sábio que fez a narrativa não chegou a enunciar o momento em que o *Kaxêr* 'Lua' enterra o *Pyt* 'Sol'. Ele apresenta o discurso em que o Sol exorta a Lua a manter o costume para que os filhos deles não morram. E prossegue com a sentença (32) que segue:

- (24) *pê nã kaxêr ita kre kãm pyt ita xi*
PD SS lua Dem buraco Loc sol Dem
colocar

inũare

Neg

'Se a Lua não tivesse enterrado o Sol'

(25) *pê ku piawwan mẽ tyn mẽ pe*
Dub Du Evi Pl morrer Pl acabar
'dizem que nós morreríamos, mas não para sempre'

(26) *pê ku mũ mẽ ty nã mpa japôj nã*
PD Du Dir Pl morrer SS 1PlIncl nascer
'dizem que nós morreríamos e nasceríamos (novamente)'

O *Pyt* 'Sol' chorou muito, frustrado, porque a Lua não manteve sua palavra e o enterrou, condenando, desse modo, toda humanidade à morte. Esse acontecimento aborreceu tanto o Sol que, após isso, ele subiu para o céu e nunca mais falou com a Lua. Os dias e as noites resultam desse aborrecimento. O *Pyt* 'Sol' não faz a menor questão de encontrar com o *Kaxêr* 'Lua'.

(27) *pyt aiku apte mra*
Sol PR Frust chorar
'Aí o Sol chorou muito'

(28) *pia pyt ita ty*
Dub sol Dem morrer
'Aí o Sol morreu'

Conclusão

A coleta e a descrição de narrativas orais tradicionais de um povo de tradição oral demandam um esforço a mais do pesquisador, uma vez que o trabalho de transcrição é exigente. Para a compreensão desses textos é necessário o conhecimento cultural e linguístico para o entendimento dos

conceitos ali apresentados. Um de meus objetivos com a realização da pesquisa acerca de narrativas orais tradicionais do povo Parkatêjê é demonstrar o quanto é complexa e sofisticada a arte verbal desses sábios que vivem e estão fulcralmente atrelados a uma sociedade não letrada. Além disso, pretendo também contribuir para a documentação da riqueza linguística e cultural da comunidade Parkatêjê, a qual, rapidamente, está se extinguindo juntamente com o desaparecimento dessa língua.

A análise de textos também favorece uma compreensão maior de aspectos gramaticais de uma língua, uma vez que os dados estão contextualizados e ocorrem em um ambiente discursivo global.

Referências

ARAÚJO, Leopoldina Maria Souza. Fonologia e grafia da língua da Comunidade Indígena Parkatêjê. In: Lucy Seki (org.) *Linguística Indígena e Educação na América Latina*. Campinas: UNICAMP. 1993. p. 265-272.

CHAFE, Wallace. Some things that narrative tell us about the mind. In: Britton, Bruce K.; Pellegrini, Anthony D.. *Narrative thought and narrative language*. Erlbaum, Hillsdale, N.J. 1990.

COUTO, Hildo Honório do. As narrativas orais crioulo-guineenses. *PAPIA*, v. 19, p. 51-68, 2009.

FÁVERO, Leonor; KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *Linguística textual: introdução*. São Paulo: Cortez. 1983.

FERREIRA, Marília de Nazaré de Oliveira. *Morfossintaxe da língua Parkatêjê*. 2003. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

_____. (In-) certezas no dizer: um estudo sobre as partículas evidenciais em Parkatêjê. *Alfa*, São Paulo, v. 54 (1): 223-236, 2010.

HANKE, Michael. Narrativas orais: formas e funções. *Contracampo* (UFF), Rio de Janeiro, v. 7, p. 117-126, 2003. Disponível em <<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/contracampo/article/viewFile/32/31>>. Acesso em 12 fev. 2010.

RODRIGUES, Aryon Dall'igna. MACRO-JÊ. Robert M. W. Dixon; Aikhenvald, Alexandra Y. (eds.) In: *Amazonian Languages*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

SHERZER, Joel. *Verbal art in San Blas: Kuna culture through its discourse*. Cambridge: Cambridge University Press. 1990.

SHERZER, Joel; URBAN, Greg (eds.). *Native South American Discourse*. New York: Mouton de Gruyter. 1986.

ANEXOS

pêpia kitare mīti katiti aiku wyr krãmõ
PD Ass jacaré grande PR Dir boiar
'Dizem que jacaré grande estava boiando (no rio)'

pêpia kaxêr **kãm** aiku hõpa
PD lua Loc PR recear
'Dizem que a Lua estava receosa (dele)'

Kaxêr kãm: i-mã a-hêj nã i-krẽ
Lua Loc 1-Dat 2-mentir SS 1-comer
'A Lua disse: você me mente e me come!'

pêpia **mīti kãm** amjjarẽn: ituware, wa ka a-krẽ inũare
PD jacaré Loc dizer sobrinho, eu Fut 2-comer Neg

i-kupa inũare. Wa ka kãm a-torê
1-temer Neg eu Fut Loc 2-atravesar

'Dizem que o Jacaré disse: sobrinho, eu não vou te comer, não me tema. Eu vou te atravessar.'

kaxêr mã amjijarẽ

lua Dat dizer

'a Lua hesitou'

pêpia kaxêr ita pia aiku apte mĩti ita kupa nã kãm

PD lua Dem Dub PR Frustr jacaré Dem temer SS Loc

amji kaka

Refl não.querer

'Dizem que a Lua estava com medo dele e não queria (aceitar)'

Krã! are aiku ma are i-mã hêj inũare

certo Enf PR Exort Enf 1-Dat mentirNeg

'(A Lua disse) Tá certo. Vamos, (mas) não me engana'

ka ka hêj nã i-krẽ

tu Fut mentirSS 1-devorar

'tu vais enganar e me devorar'

pia kaxêr ita apte mĩti ita kupa nã katut nã api

Dub lua Dem Frustr jacaré Dem temer SS costas SS subir

'Dizem que a Lua, mesmo com medo, subiu nas costas do Jacaré'

mĩti aiku amji mã kukia: ituware, jarẽ i-krãjapap mpejti?

jacaré PR Refl Dat perguntar: Voc dizer 1-nuca

ser.bonita

'o Jacaré perguntou (a ela): sobrinho, diga, a minha nuca é bonita?'

kaxêr aiku kãm hêj to mõi: kêtj, a-krãjapap mpejti!

lua PR mentirC ir vovô, 2-nuca ser.bonito
'A Lua mentiu para ele: Vovô, a tua nuca é muito bonita!'

pêpia kãmhêj to mõi torê
PD mentir C atravessar
'Ela mentiu e o fez atravessá-la'

apu kãm: mĩti i-torê i-torê a-krãjapap ateti atêti
Cont Loc jacaré 1-atravesar 1-atravesar 2-nuca áspera áspera
'(Ela ficou cantando): "Jacaré me atravessou, me atravessou. A tua nuca é áspera, áspera"'

pê nkryk nã
PD estar.zangado
'Dizem que ele ficou zangado'

Recebido em maio de 2010.
Aprovado em setembro de 2010.